

A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE ARTE A PARTIR DE NARRATIVAS ORAIS

Fernanda Maria Macahiba Massagardi
Orly Zucatto Mantovani de Assis

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
nandamacahiba@gmail.com

Resumo:

Segundo Piaget, a aprendizagem se diferencia do desenvolvimento, não se resumindo a um processo de comportamentos aprendidos, sendo a capacidade do sujeito conhecer os objetos de maneira apropriada e objetiva. Considerando a adequação das atividades escolares aos estágios de desenvolvimento propostos por Piaget, esta investigação contempla a elaboração de um material que permite à criança trabalhar a ludicidade, afetividade e aspectos referentes ao desenvolvimento intelectual alusivo ao período operatório-concreto.

Este estágio de desenvolvimento caracteriza-se principalmente pela reversibilidade. Outro aspecto importante que sublinharemos com este estudo é o facto de, nessa fase, o infante precisar da experiência concreta para entender o mundo. Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho esclarece: “a importância que a linguagem literária assumiu, para os homens, desde os primórdios da civilização. Ela é a linguagem da representação, linguagem imagística que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato através de comparações, imagens, símbolos, alegorias, etc.”

Com o objetivo de promover o desenvolvimento intelectual e sócio-afetivo, através de uma proposta interdisciplinar entre a literatura e a arte, apresentaremos propostas inerentes a um projeto multiplicador de formação de educadores, que propiciam aos alunos a construção de objetos de arte a partir de narrativas orais.

Introdução

Embora o século XXI tenha materializado inúmeras respostas às novas necessidades humanas, tais como: velocidade para os meios de comunicação, intercâmbio mundial, inovações em todas as áreas tecnológicas, especialmente aquelas voltadas para moradia, alimentação e educação e possibilidades de deslocamentos rápidos entre cidades e países, há ainda uma carência na área de educação, que precisa adequar-se às novas exigências do cotidiano das crianças de nosso século, sem perder o vínculo com o passado, formador do homem atual.

Atualmente não basta a aprendizagem metódica e informativa adotada pelas escolas do século XX, faz-se necessária a oportunidade de desenvolvimento intelectual através das experiências e trocas sociais com o meio, cada dia mais escassas devido ao fenômeno da especialização e da massificação gerado pelas mesmas tecnologias que foram criadas para preencher lacunas e suprir os déficits provocados por um aumento populacional e dos bens de consumo. O cenário mundial mostra crianças substituindo a educação recebida dos pais por aquelas oferecidas através da internet e programas de televisão, pais substituindo o horário que dedicaria aos filhos por duplas jornadas de trabalho – para conseguir manter o bom funcionamento da instituição família, que exige muito mais acessórios e produtos de mercado - e educadores, que recebem da sociedade uma nova função: não apenas ensinar conteúdos informativos, mas educar para a

conscientização plena do cidadão, propiciando o desenvolvimento sócio-afetivo e moral, além do intelectual.

O ambiente escolar, denominado no século XX a segunda casa da criança, passa a ser primordial e divide o espaço da 'primeira casa' no processo infância-adolescência.

As histórias de ninar são trazidas para o âmbito escolar e as árvores do quintal, substituídas por edifícios, agora precisam fazer parte do espaço educacional. Os colegas de classe assumem o papel de irmãos e primos – devido à redução do número de filhos de nossa geração, que optou, na maioria dos casos, por ter apenas uma criança. As brincadeiras de rua são realizadas dentro das quadras e certos cuidados básicos, como escovar os dentes, lavar as mãos antes de comer, respeitar e ouvir o outro, estabelecer limites, precisam ser ensinados por educadores. Surgem novas necessidades educacionais. O pano de fundo da sociedade reflete uma ampliação de possibilidades de consumo e uma redução de experiências afetivas familiares, vínculos com o passado e objetos concretos.

As propostas desse trabalho multiplicador com educadores propiciam um resgate de valores que as histórias de família, os contos de fadas, o folclore, além de outros saberes, restabelecendo um vínculo afetivo e histórico, na medida em que propõe uma investigação da identidade cultural e pessoal, de sensibilização e desenvolvimento perceptivo, além de promover a experimentação com o concreto. São parte de um curso de extensão destinado aos profissionais do ensino e denominado PROEPRE – Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental, promovido pelo Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas sob coordenação da Profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis..

Objectivos

Essa proposta vislumbra diversos objectivos, entre os quais:

- Propiciar o conhecimento físico através de construções artísticas fundamentadas em narrativas orais, transformando o espaço escolar num ambiente investigativo e lúdico. Considerando os ideais freinetianos, que afirmam:

“Se você tem medo que seu filho quebre a cabeça, rasgue a roupa, suje as mãos, corra o risco de cair ou de se afogar...

(...)

escolha para ele uma escola bem conformista, onde não manejará martelos nem provetas, onde comporá caracteres tipográficos, onde não se sujará com o rolo de tinta, onde não se machucará com a goiva que escorrega desastradamente do linóleo, onde não sujará os sapatos na lama dos

caminhos ou na terra do jardim. Lições e deveres... Deveres e lições...É o espírito que se encherá de crostas de lodo...(Freinet, 1988:14);

- Incentivar a formação de novos leitores, na medida em que ouvindo histórias dos livros as crianças estabelecem relações com suas vidas cotidianas, com seus desejos, fantasias e outras realidades e curiosidades.

"... a aprendizagem da leitura é uma experiência que deve ultrapassar o domínio da decodificação sígnica, para transformar-se em meio de autoconhecimento e apreensão do real. Como arte, é a literatura, em suas diferentes formas, que propicia ao leitor o acesso à sua interioridade e o estabelecimento de relações de seu mundo interior com o exterior".(Saraiva, 2000:132);

- Desenvolver espírito crítico, permitindo diálogo após a narrativa das histórias e gerando conflitos que as crianças precisarão resolver.

"Na verdade, desde as origens, a Literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a Literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade, não igualada por nenhuma outra atividade."

(...)

"A Literatura Contemporânea, expressão das mudanças em curso e que, longe de pretender a exemplaridade ou a transmissão de valores já definidos ou sistematizados, busca estimular a criatividade, a descoberta ou conquista dos novos valores em gestação. E aqui entra o trabalho didático dos professores, fazendo o papel dos médicos nos partos..."

(Coelho, 2000:27);

Aliar a expressão criativa à educação estética:

" Na realidade, se considerarmos as experiências de pedagogia artística ativa efetivamente realizadas, perceberemos que o apelo à invenção, à iniciativa criadora, se entrecruza continuamente com a preocupação de proporcionar à criança um domínio suficiente das linguagens estéticas, pois as duas coisas são basicamente complementares."(Porcher, 1982:35).

- Permitir que a criança elabore seus medos e dilemas inconscientes, adequando-os a uma realidade consciente, ao ouvir histórias que trabalhem temáticas desse gênero.

"Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis, obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional e da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com esse conteúdo". (Bettelheim, 2007:28);

- Estimular a curiosidade acerca das grandes questões humanas, promovendo atividades de artes e literatura nas quais as crianças expressem suas opiniões e estabeleçam hipóteses.

“ As narrativas surgiram para explicar o inexplicável, para responder a certas perguntas: O que é a vida? O que é a morte? De onde viemos? O que é o universo? O que é o tempo? Perguntas inseridas tanto no seio das comunidades ditas civilizadas, quanto nos grupos ditos primitivos; ambos “ (...) são movidos por uma necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem.” (Lévi-Strauss, 1989:30)

- Ampliar o repertório e desenvolver a linguagem através da convivência do educador com os educandos e dos educandos com os colegas na roda de histórias e nas atividades artísticas que serão elaboradas, suscitando, além de aspectos referentes ao relacionamento humano, o desenvolvimento da criatividade através da função simbólica.

“Desde que os homens falam, por exemplo, nenhum idioma se implantou por hereditariedade, e é sempre através de uma ação educativa externa do ambiente familiar junto a criancinha que essa aprende a sua língua, tão apropriadamente chamada “materna”. Sem dúvida, as potencialidades do sistema nervoso humano tornam possível tal aquisição, negada aos antropóides, e a posse de uma certa ‘função simbólica’ faz parte dessas disposições internas que a sociedade não cria, mas utiliza; todavia, sem uma transmissão social exterior (isto é, em primeiro lugar, educativa) a continuidade da linguagem coletiva tornar-se-ia praticamente impossível” . (Piaget, 2005: 8);

- Oferecer aulas teóricas acerca dos diferentes estágios de desenvolvimento da criança propostos por Jean Piaget, para que os educadores entendam as reais necessidades das crianças e saibam adequar as atividades propostas a elas considerando as características específicas de cada um dos períodos, obtendo assim um rendimento máximo.

"O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência, como o elemento estruturador do Universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência), e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. Revelou, ainda, que cada estágio corresponde a uma certa fase de idade. A sucessão das fases evolutivas da Inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As 'idades' correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança ou do meio em que ela vive. A partir desse conhecimento do ser humano, a noção de 'criança' muda e nesse sentido torna-se decisivo para a Literatura Infantil / Juvenil adequar-se ou conseguir 'falar', com autenticidade, aos seus possíveis destinatários". (Coelho, 2000: 39);

- Estimular a fusão entre a imaginação e a realidade, entre o abstrato e o concreto, possibilitando o desenvolvimento dos três tipos de conhecimentos propostos por Jean Piaget: físico, social e lógico-matemático. Físico, permitindo que a criança procure diferentes materiais e extraia as informações contidas em cada um deles; social, quando há trocas de experiências e atividades em grupo e lógico-matemático, quando o infante estabelece relações e comparações daquilo que ouve e constrói com a sua própria vida e a dos colegas.

“ Daí a importância que a linguagem literária assumiu, para os homens, desde os primórdios da civilização. Ela é a linguagem da representação, linguagem imagística que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato (e também o indizível), através de comparações, imagens, símbolos, alegorias, etc”. (Coelho, 2000: 56);

Criar espaço à fantasia, a imaginação e aos sonhos de cada educando.

“Como dizem os aborígenes australianos, as histórias pertencem ao mundo dos sonhos (...) Acrescentam que o nosso mundo foi inteiramente sonhado antes de ter existido. Portanto, contar uma história é resgatar o próprio destino: descobrir a que sonhos pertencemos e encontrar caminhos para a própria vida (Prieto, 1999:17).

Propiciar uma atividade que desenvolva a capacidade de concentração.

“ Os contadores de histórias, os cantadores de história só podem contar enquanto a neve cai. A tradição manda que seja assim. Os índios do norte da América têm muito cuidado com essa questão dos contos. Dizem que quando os contos soam, as plantas não se preocupam em crescer e os pássaros esquecem a comida de seus filhotes”. (Galeano, 1994:9)

- Possibilitar que a criança construa, através de experiências concretas, as estruturas inerentes ao estágio operatório-concreto – a conservação, a classificação e a seriação.

"O universo físico assume maior consciência e a criança adquire, através de um pensamento realmente operatório, as noções físicas de conservação da matéria, do peso, do volume, do tempo, do espaço, do movimento e da velocidade.

(...)

Até a idade de 11 e 12 anos, as operações da experiência infantil são unicamente concretas, isto é, visam somente à própria realidade e, em particular, os objetos tangíveis susceptíveis de serem manipulados e submetidos a experiências efetivas. Quando o pensamento da criança se afasta do real é porque substitui os objetos ausentes por sua representação mais ou menos viva, mas esta representação é acompanhada da crença e equivale ao real." (Rodrigues, 1976:37).

Métodos

A metodologia utilizada nessa proposta fundamenta-se nos princípios piagetianos e é constituída por oficinas teórico-práticas. Aos educadores é ilustrada a teoria dos estágios de desenvolvimento de Jean Piaget e as inovadoras idéias da autora Nelly Novaes Coelho, que adequa a literatura a cada um desses estágios, além de autores de renome e pesquisadores dessa temática: Bettelheim, Corso, Brenamn, etc .

Investigando livros de literatura infanto-juvenil, se estabelece um diálogo e propõe-se que cada educador explicita quais os benefícios consegue identificar nas histórias escolhidas, fundamentando suas afirmações nos estudos realizados anteriormente e que proponha alguma atividade artística a partir da história escolhida.

As aulas práticas têm 3 vertentes: construção de objetos que ilustrarão a narrativa, dramatização das histórias e a construção de objetos a partir da narrativa.

Na primeira vertente os educadores aprenderão a manipular materiais, tais como: látex, argila, sucatas, tintas, tecidos, agulhas, linhas, entre outros. A partir dessas técnicas são construídos fantoches, figurinos, assemblages, etc.

A segunda e a terceira vertente são aquelas destinadas aos educandos. É fundamental que o educador vivencie a escuta da história e a construção dos objetos a partir da narrativa. A professora inicia a atividade formando uma roda e explicando a importância da utilização de um objeto que, quando presente, assume o significado do “é hora de contar histórias”. Pode ser um xaile ou um chapéu enfeitado, que as crianças associarão a esse momento específico. Após essa breve explicação inicia-se a narrativa oral.

“Era uma voz que sempre dizia: “Era uma vez”...”

A voz do contador de histórias ressoa para sempre na alma dos que viveram os contos ouvidos, contos nos quais moram bruxas, princesas, feiticeiros, soldados, heróis, monstros e seres fantásticos.

No recôndito da memória, modulações, timbres, gestos e expressões corporais evocam alguém contando, em algum momento e em algum lugar. A voz e as palavras do contador, articulando-se em emoções e enredos, passam pelo seu corpo e ressoam nos seus ouvintes, estabelecendo ligações invisíveis.”(Brenman, 2005:11).

É importante saber pausar no momento adequado, aumentar o timbre da voz e elaborar sonoplastias que ambientem aquilo que está sendo narrado.

São escolhidas histórias destinadas a adultos, além daquelas que serão oferecidas às crianças, para que os educadores também participem intrinsecamente da proposta.

Ao final da narrativa os ouvintes explicitam sua opinião acerca da história.

A professora, após essa discussão, apresenta diversos materiais de arte e como utilizá-los, propondo aos participantes que desenvolvam objetos de arte, que serão parte de uma exposição e explanação.

Resultados

Os resultados obtidos foram muito positivos. As crianças demonstraram interesse em desenvolver as atividades artísticas e as professoras observaram que as histórias, quando adequadas ao estágio de desenvolvimento, desencadeiam diálogos preciosos e aumentam o tempo de concentração. No decorrer do processo foi nítido o aumento da auto-estima, pois as crianças sentiram que seus trabalhos foram valorizados – houve a montagem de uma exposição - e encontraram amigos e educadores dispostos a ouvir suas observações acerca das temáticas das histórias. As relações interpessoais se estreitaram ao participarem da roda e das atividades em grupo. A percepção e a função simbólica tiveram progresso considerável devido a possibilidade que tiveram de coletar, conhecer e trabalhar com materiais e técnicas diversificadas.

Conclusões

Essa proposta foi desenvolvida especificamente para o público infantil, considerando as características específicas do estágio operatório-concreto. Os resultados obtidos foram superiores àqueles esperados, possibilitando, em alguns casos, o diagnóstico de facetas da personalidade a partir do discurso que fizeram de suas obras e das histórias ouvidas. E foi possível observar que as histórias ajudam as crianças tímidas a integrarem-se ao grupo durante as atividades.

Ao oferecer essa proposta multiplicadora a educadores, em alguns momentos foi preciso adequar as aulas propondo atividades mais características, investigando histórias para adultos e técnicas artísticas com maior grau de complexidade. Inesperadamente, houve uma adesão e grande interesse por essas aulas e surgiu a sugestão de criar um curso específico para adultos e idosos. A fantasia, ao contrário daquilo que muitos vivem, é inerente ao ser humano e é preciso haver momentos para a expressão de sentimentos, pensamentos e criatividade. O lúdico, erroneamente aceito pela sociedade como parte integral e única da vida do infante, acompanha as pessoas por toda a vida. Muitos chegavam desconfiados e ao final se divertiam, sorriam, choravam e lembravam-se de coisas que aparentemente estavam apagadas da memória.

“Todas as histórias vêm do grande mar de histórias...a fantástica aventura da busca das palavras enfrentando as forças tenebrosas da escuridão e do silêncio.” (Rushdie, 1998: 19)

Viver a experiência antes de ministra-la auxiliou o educador a estabelecer um vínculo maior com a criança, por ter sido personagem da mesma “história”.

Referências Bibliográficas

- Barbosa, Ana Mae, 2001. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Bettelheim, Bruno, 2007. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra
- Brenman, Ilan, 2005. *Através da Vidraça da Escola – Formando novos leitores*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coelho, Nelly Novaes, 2002. *Literatura Brasileira – Teoria, Análise e Didática*, : Moderna Editora.
- Corso, Mario & Corso, Diana Lichtenstein, 2006. *Fadas no divã*. Porto Alegre : Artmed
- Delval, Juan, 1997. *Crescer e Pensar – a construção do conhecimento na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Duarte Júnior, João Francisco, 1994. *Porque arte-educação?* Campinas: Papirus.
- Freinet, Celestin, 1988. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Galeano, Eduardo, 1994. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM.

- Lévi-Strauss, Claude, 1989. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70.
- Piaget, Jean, 2003. *Seis estudos de psicologia*: Editora Forense Universitária.
- _____, 2005. *Para onde vai a educação* : Editora José Olympio.
- Ong, Walter, 1998. *Oralidade e Cultura Escrita*. Campinas: Papyrus.
- Porcher, Louis, 1982. *Educação Artística – luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus.
- Prieto, Heloísa, 1999. *Quer ouvir uma história?* São Paulo: Angra
- Read, Herbert, 1977. *Educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rodrigues, Marlene, 1976. *Psicologia Educacional: uma crônica do desenvolvimento humano*. Editora McGraw – Hill.
- Rushdie, Salman, 1998. *Haroun e o mar de histórias*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saraiva, Juracy Assmann, 2000, *Literatura e Alfabetização*. Porto Alegre: Artmed.